

CONHECIMENTO DE PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM DE UM HOSPITAL PÚBLICO SOBRE INTERAÇÕES MEDICAMENTOSAS

KNOWLEDGE OF NURSES IN A PUBLIC HOSPITAL CONCERNING DRUG INTERACTIONS

MARIA DOMINGAS PEREIRA DOS **SANTOS**¹, GUILHERME GUARINO DE MOURA **SÁ**^{2*}, JOAQUIM GUERRA DE OLIVEIRA **NETO**³, DILMA AURÉLIA DE **CARVALHO**⁴, KHELYANE MESQUITA DE **CARVALHO**⁵, MARIA DO PERPÉTUO SOCORRO CARVALHO E **MARTINS**⁶, MARIA DO CARMO DE **CARVALHO** E **MARTINS**⁷

1. Enfermeira. Graduada pela Faculdade de Ensino Superior de Floriano. Floriano, Piauí, Brasil; 2. Enfermeiro. Mestrando em Enfermagem pela Universidade Federal do Piauí. Docente da Universidade Federal do Piauí. Bom Jesus, Piauí, Brasil; 3. Enfermeiro. Mestrando em Enfermagem pela Universidade Federal do Piauí. Docente da Universidade Federal do Piauí. Teresina, Piauí, Brasil; 4. Enfermeira. Especialista em Saúde Pública. Especialista em Atividade Física e Saúde. Especialista em Obstetrícia e Neonatologia. Enfermeira graduada pela Faculdade de Ensino Superior de Floriano, Floriano, Piauí, Brasil; 5. Enfermeira. Doutoranda em Enfermagem pela Universidade Federal do Piauí. Docente da Universidade Federal do Piauí. Bom Jesus, Piauí, Brasil; 6. Nutricionista. Professora da Faculdade de Ensino Superior de Floriano, Floriano, Piauí, Brasil; 7. Doutora em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora Associada do Departamento de Biofísica e Fisiologia da Universidade Federal do Piauí, Teresina, Piauí, Brasil.

*Rodovia Municipal Bom Jesus – Viana, Planalto Horizonte, Bom Jesus-Piauí, Brasil. CEP 64.900-000. guilherme_mourasa@hotmail.com

Recebido em 08/07/2016. Aceito para publicação em 15/09/2016

RESUMO

A INTRODUÇÃO: O conhecimento acerca de interações medicamentosas pode trazer contribuições relevantes para aqueles que trabalham com a administração de medicamentos quanto aos cuidados a serem observados no acompanhamento de pacientes no ambiente hospitalar e domiciliar. **OBJETIVO:** Avaliar o conhecimento de profissionais de enfermagem de um hospital público de Floriano-PI sobre interações medicamentosas. **MÉTODOS:** Trata-se de estudo descritivo, observacional, de caráter quantitativo realizado com 88 membros da equipe de enfermagem da unidade de saúde, com utilização de questionários com perguntas abertas e fechadas. **RESULTADOS:** A maioria dos entrevistados referiu não ter conhecimento sobre interações medicamentosas, segundo eles por deficiência na matriz curricular no curso de formação profissional e por falta de educação continuada oferecida por parte dos órgãos competentes. **CONCLUSÃO:** As combinações de medicamentos referidas pelos pesquisados não se constituíam em interações medicamentosas. A equipe de enfermagem avaliada tinha conhecimentos insuficientes sobre interação medicamentosa.

PALAVRAS-CHAVE: Interações de medicamentos, erros de medicação, preparações farmacêuticas, equipe de enfermagem.

ABSTRACT

INTRODUCTION: Knowledge about drug interactions can bring relevant contributions for those working with the administration of medication and the precautions to be observed in the monitoring of patients in the hospital and home environment. To assess the knowledge of nursing professionals from a

public hospital in Floriano-PI on drug interactions. **METHODS:** This is a descriptive, observational study of quantitative character conducted with 88 members of the nursing staff of the health facility, using questionnaires with open and closed questions. **RESULTS:** Most respondents reported no knowledge of drug interactions, according to them due to deficiencies in curriculum in the course of training and lack of continuing education offered by the competent bodies. **CONCLUSION:** The drug combinations mentioned by respondents are not constituted in drug interactions. The assessed nursing staff had insufficient knowledge about drug interactions.

KEYWORDS: Drug interactions, medication errors, pharmaceutical preparations, nursing team.

1. INTRODUÇÃO

As Interações medicamentosas são tipos especiais de respostas farmacológicas que ocorrem quando fármacos capazes de interagir com outros fármacos e outras substâncias químicas são administrados ou preparados simultaneamente ou com alimentos¹.

Problemas farmacoterapêuticos decorrentes de interações medicamentosas podem estar associados com 0,6% a 4,8% das internações e, desse modo, constituem um problema de saúde importante². Grande parte das interações medicamentosas acontece devido às alterações farmacocinéticas relacionadas às modificações na absorção, distribuição, biotransformação e/ou excreção de determinado medicamento, resultando em efeitos colaterais ou mesmo na morte do paciente³.

Para um bom restabelecimento do paciente que necessita de medicamentos é necessário que os profissio-

nais que trabalham com prescrição e administração de medicamentos tenham conhecimentos das propriedades básicas das substâncias utilizadas, bem como de suas ações farmacológicas.

A administração de medicamentos em ambiente hospitalar, conforme a lei 94.406/87 é uma responsabilidade do enfermeiro, mesmo que esteja sendo executada por outro membro da sua equipe de enfermagem. Assim, o profissional de enfermagem precisa ter preparo técnico e científico quanto ao preparo, armazenamento, aprazamento e administração das medicações. Assim, é imprescindível que a equipe de enfermagem, durante a terapêutica medicamentosa, observe e avalie sistematicamente o cliente quanto a possíveis incompatibilidades farmacológicas, reações indesejadas, bem como interações medicamentosas, no intuito de minimizar os riscos aos clientes⁴.

Considerando que as pessoas hospitalizadas recebem, em média, sete fármacos por dia, fica evidenciada a importância desse problema, sendo mais vulneráveis às interações medicamentosas os pacientes submetidos a procedimentos cirúrgicos, aqueles em unidades de terapia intensiva e os imunodeprimidos⁵.

No exercício diário da enfermagem, apesar de existirem rotinas institucionalizadas, o enfermeiro deve interferir na forma como a assistência é realizada para que, além de prevenir as interações medicamentosas adversas, possa dar assistência ao paciente de forma adequada.

O conhecimento acerca de interações medicamentosas constitui-se em tema ainda pouco discutido pelos profissionais de saúde, e que pode trazer contribuições relevantes para aqueles que trabalham com a administração de medicamentos, não somente para a compreensão dos tipos de interação medicamentosa possíveis de ocorrerem, como também para possibilitar a elaboração de orientações quanto aos cuidados a serem observados no acompanhamento do doente tanto em ambiente hospitalar e domiciliar.

O presente trabalho teve como objetivo avaliar o conhecimento sobre interação medicamentosa por membros da equipe de enfermagem de um hospital público, levando em consideração os tipos de medicações, as principais dificuldades e os cuidados na administração de medicamentos para reduzir as interações medicamentosas.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de um estudo observacional, descritivo e de abordagem quantitativa realizada com a equipe de enfermagem de um hospital público da cidade de Florianópolis – PI. A população do estudo foi representada por profissionais da equipe de enfermagem do serviço, que era composta por 30 enfermeiros, 78 técnicos e 68 auxiliares de enfermagem. A amostra foi constituída por 50% dos

membros da referida equipe, os quais foram selecionados de forma aleatória.

A coleta de dados foi realizada no período de setembro a outubro de 2010. O instrumento utilizado foi um questionário estruturado constituído por perguntas fechadas e abertas relacionadas ao perfil profissional dos membros da equipe e conhecimento sobre interações medicamentosas; identificação dos cuidados ou precauções adotadas como prevenção de interações medicamentosas; dificuldades e dúvidas no preparo e administração de medicamentos. Foram questionados ainda os tipos de interações medicamentosas conhecidos por cada membro e a forma como buscavam aperfeiçoar os conhecimentos sobre a temática.

O estudo foi aprovado pela Comissão de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ensino Superior de Florianópolis – FAESF, parecer 86/2010, e foi realizado de acordo com os preceitos éticos definidos na resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Os profissionais confirmaram sua participação por meio de assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

3. RESULTADOS

Os resultados apresentados na tabela 1 apontam que quase metade dos entrevistados referiu ser técnico em enfermagem (44,3%), e que destes mais da metade (55%) referiu tempo de atuação profissional de até 10 anos. Os enfermeiros representaram apenas 17% da amostra, dos quais 45% informaram ter mais de 10 anos de atuação profissional.

Tabela 1. Distribuição dos membros da equipe de enfermagem, de acordo com a sexo, categoria e tempo de atuação profissional, Florianópolis – PI, 2010

<i>Variável</i>	<i>n</i>	<i>%</i>
Sexo		
Masculino	7	8,0
Feminino	81	92,0
Categoria profissional		
Enfermeiro	15	17,0
Técnico em enfermagem	39	44,3
Auxiliar de enfermagem	34	38,7
Tempo de atuação profissional (anos)		
Até 5	20	23,0
5 – 10	28	32,0
11 – 20	17	19,0
Mais de 20	23	26,0

Ao serem questionados sobre interações medicamentosas, os membros da equipe de enfermagem citaram várias possíveis interações, sendo mais citadas “os que inibem ou aumentam a absorção” e “plasil com dipirona”, com 3,4% para cada uma. Destaca-se que mais de um terço dos indivíduos pesquisados (38,6%) não res-

pondeu a essa questão e que 34% dos participantes referiram desconhecer interações (Tabela 2).

Tabela 2. Distribuição das interações medicamentosas conhecidas pelos membros da equipe de enfermagem. Florianópolis – PI, 2010

Respostas	n	%
Os que inibem ou aumentam a absorção	3	3,4
Plasil + Dipirona	3	3,4
Aquele que reduz a eficácia	2	2,3
Contraceptivos orais + antibióticos	2	2,3
Cefalotina + cimetidina	2	2,3
Furosemida + Glicose	2	2,3
Tilatil + Plasil	2	2,3
Plasil + Complexo B	2	2,3
Desconhece	30	34,0
Não respondeu	34	38,6
*Outros	6	6,8

* Buscopan + Plasil; KCl + Hidrocortizona; os que inibem ou potencializam o efeito de outro; Cimetidina + warfarina; Aspirina diluída com outros fármacos; Tilatil + omeprazol.

Quanto às justificativas apresentadas pelos entrevistados para a falta de conhecimento sobre interações medicamentosas (tabela 3), mais de um terço dos profissionais (35,3%) referiu não ter cursado a disciplina Farmacologia, enquanto que 38,6% não respondeu ao questionamento apresentado.

Em relação aos meios utilizados para busca de aperfeiçoamento, os mais citados pelos membros da equipe de enfermagem foram através da leitura de livros (26,1%) e a leitura da bula de medicamentos (7,9%). É preocupante que mais de metade dos participantes (54,5%) não respondeu a essa questão (tabela 3).

Tabela 3. Justificativa para a falta de conhecimento sobre interações medicamentosas e meios utilizados para aperfeiçoar os conhecimentos acerca de interações medicamentosas, segundo os membros da equipe de enfermagem. Florianópolis – PI, 2010

Variável	n	%
Justificativa para a falta de conhecimento		
Não tive a disciplina farmacologia	31	35,3
Conteúdo insuficiente na disciplina farmacologia	15	17,0
Faltou professor capacitado para ministrar a disciplina farmacologia	4	4,5
Faltou maior carga horária para a disciplina farmacologia	2	2,3
Faltou prática diária	2	2,3
Não respondeu	34	38,6
Meio utilizado para aperfeiçoar os conhecimentos		
Ler Livros	23	26,1
Ler bula de medicamentos	7	7,9
Internet e Livros	4	4,5
Na internet	3	3,5
Curso de Administração de medicamentos	3	3,5
Não respondeu	48	54,5

Com relação às condutas profissionais a serem tomadas pela equipe de enfermagem frente à prescrição

médica para uso simultâneo de medicamentos (tabela 4), os membros da equipe de enfermagem citaram a importância de observar a dose certa (23,8%), e de administrar diferentes medicamentos em uso pelo paciente em horários distintos (12,5%).

Tabela 4. Condutas a serem tomadas frente a uma prescrição de múltiplos medicamentos, segundo os membros da equipe de enfermagem. Florianópolis – PI, 2010

Respostas	n	%
Observar a dose certa	21	23,8
Administrar os medicamentos em horários diferentes	11	12,5
Monitorar o paciente após administrar medicamentos	10	11,6
Procurar o médico para rever a prescrição	10	11,4
Investigar a existência de interação dos medicamentos	6	6,7
Outros	6	6,7
Não respondeu	24	27,3

Tabela 5. Cuidados a serem tomados para evitar interações medicamentosas, segundo membros da equipe de enfermagem. Florianópolis – PI, 2010

Resposta apresentada	n	%
Monitorar o paciente	16	18,2
Administrar os medicamentos em horários diferentes	13	14,8
Conhecer o tempo de ação dos fármacos	3	3,4
Procurar o médico para falar sobre os medicamentos prescritos	3	3,4
Perguntar se o paciente é alérgico	1	1,1
Não respondeu	52	59,1

Quanto aos cuidados que devem ser tomados para evitar interações medicamentosas (tabela 5), mais de metade dos membros da equipe de enfermagem não respondeu a questão. Ademais, os participantes citaram como principais cuidados a monitorização do paciente (18,2%) e a administração dos medicamentos em horários diferentes (14,8%).

Na tabela 6 são apresentadas as principais dificuldades relatadas pelos pesquisados para a administração de medicamentos. Quase metade dos participantes não respondeu a questão e, entre aqueles que responderam, as principais dificuldades foram as prescrições médicas com letras ilegíveis (14,8%), a falta de conhecimento sobre as interações medicamentosas (12,5%), e a prescrição simultânea de muitos fármacos.

Tabela 6. Principais dificuldades encontradas pelos membros da equipe de enfermagem relacionadas a administração de medicamentos e acompanhamento de pacientes em uso de polifarmácia. Floriano – PI, 2010

<i>Resposta apresentada</i>	<i>n</i>	<i>%</i>
Letras ilegíveis dos médicos	13	14,8
Falta de conhecimento sobre interações medicamentosas	11	12,5
Prescrição de muitos fármacos pelos médicos	9	10,2
Dúvida quanto a reação do paciente ao medicamento	8	9,0
Dúvida quanto a administrar muitos fármacos	3	3,4
Padronizar horários de administração dos medicamentos	1	1,2
Confiança dos profissionais de enfermagem na equipe médica	1	1,2
Não respondeu	42	47,7

4. DISCUSSÃO

O fato de a maioria dos profissionais de enfermagem entrevistados ser do sexo feminino está em concordância com os resultados encontrados em estudo realizado com o objetivo de avaliar o conhecimento dos enfermeiros sobre interações medicamentosas em três hospitais públicos de Goiás, em que 84,3% dos profissionais eram do sexo feminino⁴.

O pequeno período de experiência profissional referido por cerca de um quarto dos entrevistados, que possuía menos de cinco anos de exercício profissional, pode constituir-se em fator de destaque do ponto de vista da segurança do paciente. A menor experiência profissional pode implicar em erros e desconhecimento de interações medicamentosas, além de que profissionais que têm pouco tempo de atuação muitas vezes são menos hábeis para trabalhar no preparo e administração de medicamentos do que os que têm mais tempo de atuação.

Nesse sentido, pesquisa desenvolvida por Carvalho & Vieira (2002)⁶ demonstrou que os profissionais que mais erram são principalmente os que estão nos primeiros anos de treinamento devido à associação de uma nova tecnologia nas fases iniciais de treinamento. Esses pesquisadores evidenciaram como erros mais frequentes os de prescrição (56%) e os de administração (24%). Desta forma, a inexperiência na atuação profissional parece contribuir para a ocorrência de incidentes, além de que pode influenciar negativamente na segurança e qualidade dos cuidados de enfermagem.

O baixo conhecimento sobre interações medicamentosas encontrado na equipe de enfermagem neste estudo está em concordância com o trabalho desenvolvido por Cosendey *et al.* (2007)⁷ que, avaliando o conhecimento sobre as interações medicamentosas de 174 profissionais de saúde residentes em um hospital universitário, demonstraram que em uma escala de 0 a 10, aproximadamente 35% dos pesquisados avaliaram seu conhecimento acerca das interações medicamentosas como inferior a 5.

A maior parte dos membros da equipe de enferma-

gem referiu não ter obtido conhecimento suficiente na disciplina farmacologia para identificar cuidados em relação às possíveis interações medicamentosas. Esse aspecto foi destacado em estudo realizado por Noia & Secoli (2006)⁸, os quais avaliando 18 escolas de enfermagem de nível médio quanto à existência da disciplina de farmacologia, observaram que embora a disciplina estivesse presente em 78% dos cursos, em 71% dos cursos a carga horária destinada a disciplina de farmacologia era de apenas 30 a 40 horas.

Ressalta-se que a ausência da disciplina Farmacologia na matriz curricular dos cursos de formação de auxiliares e técnicos de enfermagem representa importante fator limitante para o desenvolvimento de habilidades e competências fundamentais para a atuação desses profissionais. A esse respeito, Faria e Cassiane (2011)⁴ enfatizam que as universidades e demais instituições devem ser sensibilizadas quanto à necessidade de difundir e promover um conhecimento farmacológico adequado aos profissionais de enfermagem, tendo em vista que a segurança do paciente na terapia medicamentosa deve ser uma prioridade no contexto das instituições de ensino e de saúde.

Apesar de os profissionais de enfermagem não estarem habilitados legalmente para a prescrição de fármacos, o conhecimento nessa área é indispensável e tem papel fundamental na atividade profissional de auxiliares e técnicos em enfermagem, visto que esses profissionais atuam na administração e no acompanhamento da utilização de fármacos. Ademais, para os enfermeiros a responsabilidade permeia tanto a supervisão quanto a orientação dos outros membros da equipe.

Em estudo realizado por Carvalho *et al.* (2009)⁹ a respeito das interações medicamentosas em Unidade de Terapia Intensiva, o conhecimento dos enfermeiros foi considerado insatisfatório, e os autores sugeriram que os profissionais precisavam aprofundar seus conhecimentos sobre interações medicamentosas a fim de minimizar e evitar possíveis reações indesejáveis capazes de ampliar a morbidade dos pacientes internados em tal unidade.

De fato, a administração de vários medicamentos no mesmo horário aumenta a probabilidade de ocorrência das interações medicamentosas. Portanto, é imprescindível que os profissionais que trabalham no preparo e administração de medicamentos façam distribuição de horários de administração dos medicamentos de modo a diminuir a possibilidade de interações medicamentosas.

Entre as interações referidas pelos membros da equipe de enfermagem deste estudo a mais citada foi relacionada com a administração combinada de plasil com dipirona. Essa associação, segundo o Guia de Remédios 2008/2009¹⁰, não consiste em interação medicamentosa. Nesse sentido, Pivatto Júnior *et al.* (2009)¹¹, em estudo realizado com prescrições médicas, encontrou como principais interações captopril com dipirona sódica

(46%), dipirona sódica com captopril (33,1), insulina regular com aspirina (42,2%), e diazepam com omeprazol (32%). De acordo com esses autores cerca de 80% das fichas de prescrição analisadas no estudo tinham ocorrências de interações.

Segundo Carvalho (2015)¹², o uso de vários medicamentos empregados na busca de uma terapêutica adequada mostra-se muitas vezes inadequado para o paciente, haja vista que essa prática aumenta de modo o importante a chance de desenvolvimento de reações adversas bem como de interações medicamentosas, mesmo que seja por apenas um dos fármacos utilizados no rol dos prescritos.

Os procedimentos para evitar e lidar com as interações sugeridos na literatura consultada foram os seguintes: monitorização do paciente, ajuste de dose, troca ou suspensão de um dos medicamentos, mudança dos horários de administração, entre outros. Em muitos casos, a monitorização atua de forma preventiva. Desta forma, a detecção de alterações na concentração plasmática dos medicamentos, por exemplo, direciona para um ajuste de dose, substituição ou suspensão de fármacos ou outro procedimento para evitar prejuízos à saúde do paciente. Adequar os horários de administração é, também, uma forma de lidar com as interações medicamentosas potenciais¹³.

Nesse sentido, Lima & Cassiani (2009)¹⁴, em estudo realizado na unidade de terapia intensiva em hospital universitário do Ceará, em que foram avaliados os horários de administração dos medicamentos, constataram que entre 1.845 medicamentos analisados, 1.140 (61,8%) foram aprazados para o mesmo horário, sendo que o horário com maior frequência para administração de medicamentos foi às seis horas da manhã, e para 844 deles (74%) havia potencial para interações medicamentosas.

Quanto aos cuidados a serem tomados pela equipe de enfermagem para evitar interações medicamentosas, observou-se que esses cuidados com as interações ainda são bastante incipientes. Nesse contexto, em estudo realizado com enfermeiros Telles Filho & Cassiani (2004)¹⁵, constataram que ainda há necessidade de conhecimento acerca de importantes conteúdos relativos à administração de medicamentos, incluindo aspectos como mecanismos de ação, preparo e administração de medicamentos, obtenção de informações e conhecimento, interações medicamentosas, estabilidade dos medicamentos, fármacos específicos e quimioterápicos, efeitos colaterais e diversos outros aspectos da administração de medicamentos.

Ressalta-se que, em todas as questões relacionadas a medicamentos específicos, é recomendada a busca pelo conhecimento relacionado a cada medicamento, pois somente por meio de profundo estudo será possível adquirir uma sólida base de conhecimento que representará

uma importante conquista para os enfermeiros e sua clientela.

A falta de preparo e conhecimento dos profissionais tem sido associada a ocorrências de vários erros, os quais apresentam sérias consequências ao profissional, à instituição e ao paciente⁸. Muitos erros de medicação são decorrentes da deficiência de conhecimento por parte dos profissionais de enfermagem, relativos a cálculo de dosagem, técnica de administração, e aspectos como modo de ação, efeitos colaterais e incompatibilidade entre medicamentos.

Destaca-se também que quase metade dos profissionais de enfermagem que responderam aos questionamentos da pesquisa em relação aos tipos de interações medicamentosas conhecidas, na verdade, desconhecia qualquer tipo de interação. Esse é um achado preocupante, pois, a capacidade de identificar e classificar as interações medicamentosas é de fundamental importância para o profissional de saúde¹⁴. E, embora nem todas as interações medicamentosas possam ser prevenidas, o conhecimento dos profissionais sobre os principais fatores de risco para interações medicamentosas constitui um dos principais instrumentos de prevenção das interações medicamentosas. Além disso, tal conhecimento permite ainda que os profissionais de saúde optem por regimes terapêuticos e horários de administração de medicamentos mais seguros, bem como oferecer uma assistência de boa qualidade e livre de danos para o paciente.

Cerca de metade dos entrevistados afirmou buscar aperfeiçoar seus conhecimentos sobre interações medicamentosas, fato que considerado importante. Nesse sentido, Lopez (2006)¹⁶ defendem que, uma vez que cabe a ao enfermeiro a responsabilidade, dentro da equipe, de supervisão direta dos procedimentos realizados por qualquer membro da equipe de enfermagem, os profissionais devem buscar aprofundamento do conteúdo fornecido na graduação, sendo importante que o enfermeiro dentro da unidade hospitalar mantenha-se atualizado com as medicações utilizadas rotineiramente a fim de conhecer as drogas incompatíveis entre si.

Os achados desta pesquisa em relação aos meios utilizados pelos membros da equipe de enfermagem para aperfeiçoar seus conhecimentos a respeito das interações medicamentosas estão em discordância com os resultados encontrados por Juliano & Senna (2005)¹⁷ em estudo com hipertensos do Distrito Sanitário de Pau de Lima em Salvador, os quais verificaram que 40% dos indivíduos pesquisados não possuíam qualificação técnica formal regular, e que a maior parte dos profissionais de enfermagem das oito unidades de saúde por eles estudadas tinha qualificação técnica profissional.

A análise dos dados obtidos na unidade de saúde de Floriano demonstra a necessidade de programas de atualização profissional para possibilitar aos membros da

equipe de enfermagem o conhecimento necessário sobre interações medicamentosas, e de demonstrar para esses profissionais a importância de tal conhecimento. Isso porque as estratégias de educação continuada dependem fortemente da vontade dos profissionais, em que os mesmos devem reconhecer as fragilidades na sua competência profissional e buscar então a qualificação do cuidado por ele prestado¹⁸.

5. CONCLUSÃO

De modo geral, os resultados aqui encontrados evidenciam o pouco conhecimento sobre interações medicamentosas por parte dos membros da equipe de enfermagem da unidade estudada. Além de que, apesar de os profissionais considerarem esse conhecimento importante, ainda não foram tomadas medidas para elaborar planos de cuidados com o intuito de evitar possíveis interações medicamentosas.

Destaca-se a importância de elaboração de um manual com planos de cuidados no preparo e administração de medicamentos para uso na instituição, de modo a contribuir para a redução dos riscos de interações medicamentosas. Também destaca-se a necessidade de oferecer cursos de capacitação para que os membros da equipe sejam capazes de reconhecer medicamentos e situações potencialmente passíveis de interações medicamentosas.

REFERÊNCIAS

- [01] Secoli SR. Polifarmácia: interações e reações adversas no uso de medicamentos por idosos. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 2010; 63(1):136-140.
- [02] Mannheimer B, Lundberg M, Pettersson H, Von Bahr C, Eliasson E. Natiowide drug-dispensing data reveal important differences in adherence to drug label recommendations on CYP2D6-dependent drug interactions. *Br. J. Clin. Pharmacol.*, 2010; 69(4):411-417.
- [03] Becker DE. Adverse Drug Interactions. *American Dental Society of Anesthesiology*, 2011; 58(41).
- [04] Faria LMP, Cassiani SHB. Interação medicamentosa: conhecimento de enfermeiros das unidades de terapia intensiva. *Acta paulista de enfermagem*, 2011; 24(2):264-270.
- [05] Jacomini LCL, Silva NA. Interações medicamentosas: uma contribuição para o uso racional de imunossuppressores sintéticos e biológicos. *Rev. Bras. Reumatol.*, 2011; 5(2). Carvalho M, Vieira AA. Erro médico em pacientes hospitalizados. *Jornal de Pediatria*, 2002; 78(4):261-268. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/jped/v78n4/v78n4a04.pdf> Acesso em: 11 nov. 2010.
- [06] Consendey M. *et al.* Avaliação do Conhecimento sobre interações medicamentosas entre os médicos residentes de um hospital universitário do Sistema Único de Saúde brasileiro. Paraná, 2007. Disponível em: http://bvsm.sau.gov.br/bvs/premio_medica/pdfs/trabalhos/premiados/marcelo_cosendey_trabalho_completo.pdf Acesso em: 10 out. 2010.
- [07] Noia S, Secoli SR. Ensino de Farmacologia nos Cursos Técnicos de Enfermagem. Ano VIII, n. 44, 2006. Disponível em: <http://www.praticahospitalar.com.br/pratica%2044/pgs/mat%2044/2014-44.html> Acesso em: 11 out.2010.
- [08] Carvalho EMHS. *et al.* Interações medicamentosas cardiológicas em pacientes de Unidade de Terapia Intensiva: uma revisão para a assistência de enfermagem. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 2009; 1(1):1-16. Disponível em: <http://www.ceen.com.br/revistasin.php?idc=4552> Acesso em: 10 out. 2010.
- [09] BPR. Guia de Remédios2008/2009. 6 ed. Editora Escala. São Paulo, 2008.
- [10] Pivatto Júnior F, Godoy DB, Pires DFS, Pietrobon E, Rosa FTA, Saraiva JS, Barros HMT. Potenciais interações medicamentosas em prescrições de um hospital escola de Porto Alegre. *Revista da AMRIGS*, 2009; 53(3):251-256. Disponível em: https://www.saudedireta.com.br/docsupload/128473169712-420_potenciais-intera%C3%A7%C3%B5es.pdf. Acesso em: 11 out. 2010.
- [11] Carvalho SKZ. Prevalência de potenciais interações medicamentosas em pacientes internados na unidade de clínica de cardiologia de um hospital terciário. 2015. 47p. Monografia [Graduação em Farmácia] – Faculdade de Ceilândia, Universidade de Brasília, Ceilândia, 2015.
- [12] Sehn R, Camargo AL, Heineck I, Ferreira MBC. Interações medicamentosas potenciais em prescrições de pacientes hospitalizados. *Infarma*, 2003; 15(9-10):77-81. Disponível em: <http://www.cff.org.br/sistemas/geral/revista/pdf/86/infarma007.pdf> Acesso em: 19 mai. 2014.
- [13] Lima REF, Cassiani SHB. Interações medicamentosas potenciais em pacientes de unidade de terapia intensiva de um Hospital Universitário: *Revista Latino-americana de Enfermagem*, 2009; 17(2). Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rlae/v17n2/pt_13.pdf Acesso em: 15 mai. 2010.
- [14] Telles Filho PPC, Cassiani SHB. Administração de medicamentos: aquisição de conhecimentos e habilidades requeridas por um grupo de enfermeiros. *Revista Latino-americana de Enfermagem*, 2004; 12(3):533-540. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v12n3/v12n3a12.pdf>. Acesso em: 12 out. 2010.
- [15] Lopez CHAF, Chaves EMC, Jorge MSB. Administração de medicamentos: análise da produção científica de enfermagem. *Revista Brasileira de Enfermagem*. 2006; 59(5):684-8. http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672006000500017&script=sci_arttext Acesso em 21 de maio de 2013.
- [16] Juliano AI, Senna SMD. Avaliando a qualificação profissional do técnico de enfermagem na assistência aos portadores de hipertensão arterial sistêmica (HAS). *Sitientibus*, 2005; 33:61-84. Disponível em: http://www2.uefs.br/sitientibus/pdf/33/avaliando_a_qualificacao_profissional_do_tecnico_de_enfermagem1.pdf Acesso em: 02 dez. 2010.
- [17] Vieira FML, Brito MA. Guia Eletrônico para Administração de Medicamentos: Fundamentando uma Prática de Enfermagem. Florianópolis, 23 novembro de 2007. Disponível em <http://www.bibliomed.ccs.ufsc.br/ENF0526.pdf> Acesso em: 22 set. 2013.